



JOÃO ABEL MANTA

 DIA NACIONAL DO
ARQUITETO

03 DE JULHO
18H30 2024

Cerimónia Comemorativa

Palácio Anjos – Centro de
Arte Contemporânea

Alameda Hermano Patrone
1495-064 Algés

Organização



Parceiros Institucionais



Patrocinadores Oficiais



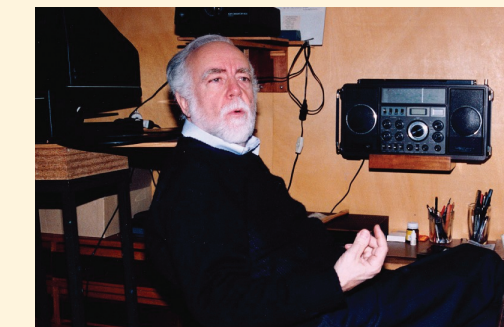
+ info
www.ordemdosarquitectos.org



JOÃO ABEL CARNEIRO DE MOURA ABRANTES MANTA

Lisboa, 29 de janeiro de 1928

Membro número 189 do SNA, inscrito a 28 de maio de 1954;
Membro número 85 na OA, na atualização de renumeração de 1988.



João Abel Manta - A Máquina de Imagens (Catálogo)
Outubro 2021

Ao lado: Ilustração de João Abel Manta para o Livro Dinossauro Excelentíssimo (José Cardoso Pires, Lisboa: Arcádia, 1972)

Homenagear o arquiteto, e também ilustrador, cartoonista e pintor João Abel Manta, no ano em que se comemoram 50 anos do 25 de Abril é um pequeno reconhecimento da Ordem dos Arquitectos pela promoção dos valores da democracia do seu membro n.85.

Do pai, pintor Abel Manta (1888-1982) terá herdado o desenho do retrato; da mãe, pintora Clementina Carneiro de Moura (1898-1992), o pensar crítico antirregime, tendo com eles viajado desde pequeno principalmente por Itália e França, de que recorda os tempos passados em Paris, onde acompanhava os pais no desenho artístico, e o convívio com diversas personalidades da vida intelectual, em tertúlias e ambientes criativos. Partilha que em 1939, por recomendação médica, passa a frequentar a praia de Santo Amaro de Oeiras onde o pai decide construir uma casa, com desenho de Keil do Amaral, que descreve como “um delírio, uma coisa feita à Corbusier”. Talvez do seu uso e do convívio com arquitetos amigos dos pais, tenha sentido o desejo da arquitetura.

Quando entra no curso de arquitetura da Escola de Belas-Artes de Lisboa, em 1945, inicia simultaneamente a sua atividade política oposicionista ao Estado Novo e o interesse pelo desenho. Durante o curso é preso (1948), diplomando-se em 1951 com a apresentação de **um projeto para um Centro Comercial na Ajuda, para o Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA)**.

Como arquiteto e urbanista trabalhou em parceria e como autor de planos de urbanização, projetos de moradias, diversos edifícios de rendimento em Lisboa, e diversos tipos de equipamentos. Iniciou a sua atividade profissional no atelier de Alberto José Pessoa (1919-1985). Segundo Michel Toussaint: “São arquitetos da chamada «geração moderna», têm cerca de 10 anos de diferença, têm uma visão sobre Portugal e a arquitetura em Portugal a caminho de um futuro muito mais justo, mais progressista”. Será desta dupla com Hernâni Guimarães Gandra (1914 - 1988) o **Conjunto Habitacional da Avenida Infante Santo, n.70 (1952 – 1955)**, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa. Os painéis cerâmicos de Vieira da Silva, Jorge Vieira, Maria Keil, Carlos Botelho e Sá Nogueira refletem a valorização da integração de intervenções artísticas na arquitetura. (**Prémio Municipal de Arquitetura de Lisboa - Valmor em 1956, atribuído apenas ao Bloco n. 2**)

É igualmente coautor com Alberto José Pessoa do complexo composto pelos edifícios da **Associação Académica de Coimbra, Teatro Académico Gil Vicente e Cantinas (1957-1961)**. Em paramentos e fachadas são integrados painéis de azulejo de Abel Manta (executados pela fábrica Viúva Lamego), tratando com uma cuidada expressão gráfica temas relacionados com as atividades académicas. O conjunto dos edifícios encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público (IIP) desde 2010, pelo seu valor arquitetónico, a par dos valores histórico-social, cultural, político e simbólico.

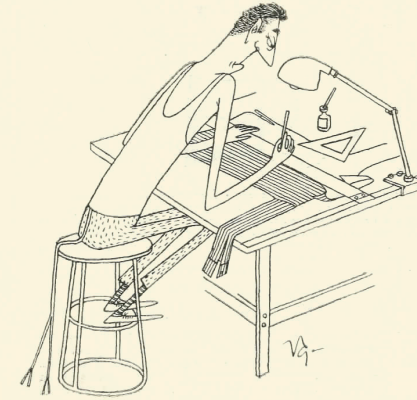
Ao lado: João Abel Manta, coautor com Alberto Pessoa (1919-1985) e Hernâni Gandra (1914-1988), do conjunto da Avenida Infante Santo, 1952/1955.

Fotógrafo: Estúdio Mário Novais, 1955

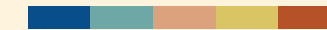


Como artista plástico, é autor do **revestimento azulejar do extenso muro de sustentação da Avenida Calouste Gulbenkian (1970-1982)**; desenha o pavimento em calçada portuguesa para a Praça dos Restauradores, em Lisboa; desenha as tapeçarias do Salão Nobre da sede da Fundação Calouste Gulbenkian (c. 1969), entre outras; e ainda concebe cenários para peças de teatro, nomeadamente “A Relíquia”, de Eça de Queiroz (1970) e “O Processo”, de Kafka (1970).

Para além de diversas ilustrações que vai publicando em revistas democráticas (como a Seara Nova) e jornais de grande tiragem (Diário de Lisboa, O Século Ilustrado, O Jornal, e o Diário de Notícias), publica pequenos cartoons que delicia os leitores da revista *Arquitectura*, de que se destacam os desenhos publicados nos finais de 1948 onde o arquiteto moderno surge no seu estirador rodeado da vida doméstica, ou dependente de incultos e tradicionais clientes nas suas visitas ao projeto.



Abel Manta. in Revista Arquitectura, n.21, Março 1948, p.4.



A crítica à arquitetura, e a crítica à profissão de arquiteto e à incompreensão da sua arte estavam latentes. Recentemente diria: “Naquela prancheta fazia um edifício, desenhava tudo”, justificando que terá sido a crescente necessidade da produção arquitetónica em equipas que o terá levado a afastar-se da arquitetura a partir do final da década de 1950 enquanto se aproximava do desenho, da ilustração e do cartaz: “A partir duma determinada altura, cansei-me daquilo. Pelos meus 50 anos acredito na criação do homem solitário. Desintressei-me da arquitetura”. Dará início ao desenvolvimento do “desenho a traço grosso” que refere como que em oposição ao fino traço do desenho de arquitetura.

O seu olhar crítico sobre a situação político-social portuguesa produz inúmeros trabalhos em cartoons e caricaturas, a que se dedica com maior intensidade entre 1969 e 1976. Nos anos 1970 desenvolve imagens fortes e comunicativas para a Campanha de Dinamização Cultural do Movimento das Forças Armadas, que ainda hoje identificam o Movimento das Forças Armadas.

Vive em Londres e em 1981 publica novos trabalhos no *Jornal de Letras*. A sua atividade como cartoonista torna-se esporádica. Obteve vários prémios nacionais e estrangeiros; participou em inúmeras exposições individuais e coletivas, em Portugal e no estrangeiro, incluindo a publicação dos respetivos catálogos.

Sofia Aleixo, vogal do CDN



Manta, João Abel. Painel em pedra gravada, Associação Académica de Coimbra, Página oficial da Universidade de Coimbra

O Dia Nacional do Arquiteto, comemorado a 3 de julho, visa celebrar anualmente a função social, a dignidade e o prestígio da profissão de arquiteto em Portugal, evocando a data da publicação do Estatuto da Ordem dos Arquitectos, a 3 de julho de 1998, assim como a data da revogação do Decreto n.º 73/73, com a publicação da Lei n.º 31/2009 a 3 de julho de 2009.